

# Tudo bem no ano que vai

Gazeta do Povo

26 de dezembro de 2004

<http://www.gazetadopovo.com.br>

A cada ano fica mais difícil não se repetir na hora do balanço da música independente local. Falar do volume de discos lançados, que já foi maior, mas se manteve em qualidade, é um caminho. Tratar da quantidade de bandas que aparecem, número ainda maior do que as que somem, é outra possibilidade, que mantém acesa a desconfiança de que Curitiba abriga uma das maiores concentrações de bandas no Brasil. Sabe-se que é arriscado afirmar isso, já que não há estudos estatísticos sobre o assunto. São muitos os caminhos para se falar da cena local. A idéia, aqui, é apontar o que de melhor aconteceu em 2004. Houve os festivais que aconteceram mesmo sem apoios, além, é claro, do Curitiba Pop Festival, que trouxe os Pixies à América Latina e, com todos os problemas que possam ser apontados, é uma ótima para as bandas independentes locais e de outros estados. Não foi só no palco da Pedreira que os independentes brilharam. Eles também estrelaram o Perhappiness, que reuniu jovens escritores e músicos brasileiros, apostando que o "indie" também pode ser literatura – e das boas. Pode-se falar, ainda, dos bares que nascem e morrem mais velozmente do que as bandas, mas, principalmente, dos que persistem. Só que seria chover no molhado citar, novamente, o 92º – mas, impossível não falar da casa e de seus 600 shows no ano e do maior festival do "sul do mundo", o National Garage, que traz cem bandas ao palco do bar todos os anos. Em compensação, falar do londrinense Demo Sul é novidade. A mostra se firma, dividindo o foco de atenção com a produção da capital – e não é só nesse festival que a cidade está em alta. Há boas bandas e na cidade do norte do Paraná se assiste a alguns shows que a capital não vê, por conta da labuta da produtora Madame X.

Num balanço, também é legal falar de algumas bandas. E aí é que o bicho pega. Num ano que teve Ruído e Johnz, entre as novidades, sem falar de veteranos seguindo suas trilhas de destruição no bom sentido, como o Gengivas Negras, alguns grupos tiveram grande destaque. O Charme Chulo é a banda que mostrou a mais alta evolução no palco ao longo de 2004, aprimorando seu rock de violas e fazendo juz ao delicado posto de revelação.

Enquanto isso, a Poléxia estreou com disco-solo, que abocanhou o apoio da Livraria Fnac, foi o mais vendido na semana de lançamento na loja e, mesmo com problemas, abriu shows importantes, tocou em rádio carioca e guardou elogios de gente grande da música brasileira. E o Sugar Kane? Destaque de revista nacional, muitos discos vendidos e o primeiro DVD independente, com cópias esgotadas rapidinho.

Também teve as invertidas. O ano fecha sem o Cine Bar, único espaço de médio porte apropriado para shows na cidade, mas alto custo para ser mantido; a maioria dos bares continua sem estrutura para receber as bandas que, por sua vez, não vivem de seu trabalho na cidade.

Adriane Perin